



Fig. 111 — Praça Castro Alves, Salvador, 2008



Fig. 112 — Rio Vermelho, Salvador, 2008



Fig. 113 — Ladeira do Contorno, Salvador, 2008



Fig. 114 — Avenida ACM, Salvador, 2008



Fig. 115 — VENDEDORES, Salvador, 2008



Fig. 116 — VENDEDORES, Salvador, 2008



Fig. 117 — VENDEDORES, Salvador, 2008



Fig. 118 — DETALHE, Salvador, 2008



Fig. 119 — Feira de S. Joaquim, Salvador, 2008



Fig. 120 — Feira de S. Joaquim, Salvador, 2008



Fig. 121 — Feira de S. Joaquim, Salvador, 2008

No prefácio do livro *Brasil / África: como se o mar fosse mentira* (CHAVES (org.), 2006, p. 10), encontram-se algumas observações importantes sobre as relações especiais existentes entre os dois continentes, as quais “[...] exigem um olhar mais apurado por possuírem nuances diversas e específicas [...]”, o que estimula “[...] a leitura de outros sinais, conduzindo-nos a outros terrenos do saber que nos ajudam a conhecer melhor a matéria que nos desafia.” Para Chaves, pela sua diversidade e riqueza, as realidades africanas requerem maior atenção para que se possa aprender além do que parece explícito.

Aquilo que é evidente nas praças de Salvador, nas calçadas do Rio de Janeiro e em tantas colinas mineiras, ganha consistência se analisado sob a perspectiva de alguns dos nossos antropólogos, historiadores, músicos, dessas pessoas que procuram desvendar o Brasil que a oficialidade tentou esconder. (CHAVES, 2006, p. 10).

Ao falar sobre o legado africano no Brasil, deve-se observar que também deixamos o nosso legado em terras africanas. Chaves afirma que a presença do que eles nos legaram é previsível,

[...] também podemos reencontrar algo que tem sua origem no Brasil, marcas que resultam daquele contexto particular em que se fecundaram tantas misturas, sob o signo da dor, da exploração, da saudade, mas também da resistência e da capacidade de criar e recriar beleza quando o real nos convida ao desânimo. (Ibidem, 2006, p. 11).

Para esse autor (ibidem, p. 32), é preciso “[...] conhecer a África, dialogar com ela, compreender o seu passado e encarar o seu presente [...]”, para podermos, a partir daí, realizar o nosso próprio conhecimento. Por outro lado, desde o século XIX, principalmente depois dos anos 1940, a literatura brasileira serve de alimento para os escritores africanos sediados nos territórios ocupados por Portugal. Segundo sua observação (Ibidem, p. 34), isto acontece principalmente como reforço aos projetos de construção da identidade nacional, fenômeno este que se estende pelo período das lutas pela libertação dos seus países, entre eles Moçambique, Cabo Verde e Angola.



Fig. 122 — LOJAS, moda brasileira, Luanda, 2007



Fig. 123 — LOJAS, moda brasileira, Luanda, 2007



Fig. 124 — LOJAS, moda brasileira, Luanda, 2007



Fig. 125 — LOJAS, moda brasileira, Luanda, 2007



Fig. 126 — LOJAS, moda brasileira, Luanda, 2007



Fig. 127 — LOJAS, moda brasileira, Luanda, 2007

Conforme afirma essa pesquisadora,

Num movimento semelhante ao dos nossos árcades e românticos, os escritores africanos divisavam a urgência de promover um corte em relação à matriz colonizadora. A independência conquistada em 1822, de certa maneira, credenciava o nosso país como uma referência fundamental na discussão a respeito das transformações a serem implementadas nos vários territórios ainda sob o domínio colonial. Os muitos aspectos de uma história comum eram evocados, e projetava-se no presente “livre” da sociedade brasileira a possibilidade de um futuro menos opressivo nas terras africanas. Com efeito, em Angola, Cabo Verde e Moçambique, quando por volta dos anos 1950 reforçou-se a contestação da dominação colonial, a imagem do Brasil, em ma-

tizes multiplicados, iria pesar positivamente na construção de uma identidade cultural comprometida com a libertação. (CHAVES, 2006, p. 34).

Desse modo, é possível observar que a história da independência demonstra, em Angola, Cabo Verde e Moçambique, como a luta esteve relacionada com o ambiente cultural, sendo possível verificar que:

[...] a relação com o Brasil ultrapassava o território das elites e alcançava setores populares, aos quais surgíamos como uma matriz apta a formular elementos de compensação para os sofrimentos cotidianos. Essa duplicidade reforçava a rede cujas malhas envolviam o mundo do esporte, capitaneado, naturalmente, pelo futebol, sem desprezar o universo da música. (Ibidem, 2006, p. 35).

Registros históricos que remontam à independência do Brasil dão conta de que houve uma divisão de opinião pública em Angola, levando às desordens e lutas entre o partido brasileiro e o partido português, o que provocou, em Lisboa, o receio de que o território angolano acabasse por se juntar ao Brasil. Décadas depois, é possível encontrar, segundo Chaves, essa temática nas crônicas de Ernesto Lara, escritor angolano que faz parte de uma geração de autores que explicitam, através de suas obras, a paixão pelo Brasil:

Sou um angolano capaz de sentir o Brasil, capaz de recitar de cor um poema de Manuel Bandeira, capaz de sambar com intenção ao som de uma marchinha de Luiz Gonzaga, ouvindo o bater ritmado dum tambor com acompanhamento de reco-reco. O mesmo reco-reco que foi exportado no bojo das caravelas com os escravos de Angola. Sou capaz de entender tão bem uma noite de luar, uma noite de batuque, como Catulo da Paixão Cearense. Embora vocês não me conheçam, irmãos brasileiros, tenho-vos lido sempre com grande carinho. Os meninos das escolas de Angola — como eu fui noutros tempos — jogam futebol de bola de trapos capengando à Garrincha, chutando folhas secas à Didi e defendendo um arco imaginário à Gilmar. Os meninos dos liceus de Angola recitam Drummond de Andrade, conhecem o “Itinerário de Pasárgada” e sabem de cor, como a “Portuguesa”, cantar o hino brasileiro. (LARA apud CHAVES, 2006, p. 37).

E ainda:

Nessa associação muito livre entre Graciliano e Leônidas da Silva, entre Didi e Drummond de Andrade, os africanos iam compondo retratos do Brasil, e a partir desses retratos, nem sempre fiéis àquilo que nós conhecemos da nossa terra, ela ia se firmando como ponto de apoio, como um modelo a ser perseguido. (Ibidem, 2006, p. 38).

De certo modo, a associação com o Brasil, expressa pelos nacionalistas africanos, era com o que ele oferecia de libertário e isto é o que vai mobilizar um processo literário original, desencadeado com a busca da consolidação de uma identidade nacional. Segundo Chaves, havia chegado até eles o “[...] grito do Ipiranga [...]” e, com ele, a mobilização pela liberdade.